

Cultue

Uma publicação do
AGORARN

Natal/RN | Nº 2 | Ano 1 | 24 de dezembro de 2021

EDIÇÃO
ESPECIAL

SANDRO MENZES

RENASCE NATAL

Espaços culturais estão
sendo reabertos com uma
programação de eventos
gratuitos na capital potiguar

CIDADE DO SOL
CHEGA AOS 422
ANOS MAIS FORTE

PRESIDENTE DA
FJA COMEMORA
INVESTIMENTOS

Cultue

Depois de uma estreia bastante comentada pelos leitores, chegamos com a segunda edição da Cultue. Como prometido, a revista segue trazendo histórias de potigües de destaque nas artes, com o mesmo objetivo de difundir e fomentar a cultura local, além de valorizar as produções da terra.

E olha que maravilha! Estamos extremamente animados com a reabertura de diversos espaços importantes para a história e para a arte do Rio Grande do Norte. O projeto “Reviva Cultura”, encabeçado pelo Governo do Estado, já abriu as portas da Pinacoteca, da Biblioteca Câmara Cascudo e do Teatro Alberto Maranhão – que, por sinal, está belíssimo, com aquela estrutura imponente totalmente revitalizada. Na última semana, natalenses visitaram o prédio para apreciar uma programação gratuita de música, dança e audiovisual no palco do TAM.

Neste sábado, dia 25 de dezembro, acontece a reinauguração do Forte dos Reis Magos. Às 18h, teremos apresentações musicais de artistas do RN e do paraibano Chico César, com acesso gratuito. Tudo em um dia bastante simbólico: aniversário da cidade do Natal, que completa 422 anos de resistência.

Titina Medeiros, aliás, falou com a Cultue sobre a relevância dos equipamentos culturais, lembrou a longa carreira e apresentou a narrativa do espetáculo “Sinapse Darwin”, produzido por ela em meio à pandemia. A atriz seridoense ainda teceu críticas ao atual governo federal observando o quesito de organização das artes.

Assim como Crispiniano Neto, presidente da Fundação José Augusto, que também foi entrevistado pela Cultue e apontou erros promovidos pela gestão nacional, como a extinção do Ministério da Cultura e a relutância em aprovar a Lei Paulo Gustavo. Ele comemorou, porém, a nova fase da cultura potiguar e anunciou planejamentos para 2022.

Que neste fim de ano, apesar dos pesares, a esperança reine. Que, mesmo com as dificuldades, os momentos de felicidade e contemplação sejam constantes. Paz, saúde e boas histórias: são os nossos votos!

• SUMÁRIO •



**MATEUS
ANGELO:
O TODO
NATALENSE**

04

**TITINA
RECONHECE
VALOR DA
CIÊNCIA NAS
ARTES**



06



**CRISPINIANO
COMENTA
CENÁRIO
CULTURAL**

12

EXPEDIENTE

Direção
Alex Viana

Diagramação
Fábio Ewerton

Edição
Nathallya Macedo

Colaboradores
Diasss Oliveira,
Pedro Trindade,
Robson Bezerra e
William Medeiros

AGORARN

A Revista Cultue é um produto do
Grupo Agora RN, que detém os
direitos de produção e propriedade

Comercial
publica@agorarn.com.br
(84) 98117-1718

Endereço
Avenida Hermes da Fonseca, nº 384
Petrópolis, Natal/RN - CEP: 59020-000

REVÉILLON TERÁ QUEIMA DE FOGOS

Após consulta ao Comitê Científico Municipal, a Prefeitura do Natal decidiu realizar a tradicional queima de fogos no próximo Réveillon. Assim, ficam mantidos os shows pirotécnicos já programados para a ponte Newton Navarro e para a praia de Ponta Negra. Continuam cancelados, no entanto, os shows musicais que estavam previstos para a praia de Redinha e para o bairro dos Guarapes, por terem maior potencial de concentração de pessoas.

O comitê recomendou a manutenção do evento, tendo em vista a situação atual de controle da pandemia na cidade, associada à estratégia e aos bons resultados alcançados pela vacinação. Além de não comprometer o quadro epidemiológico, a Prefeitura considerou o caráter econômico da medida.

A queima de fogos contribui para a movimentação turística de Natal no fim do ano, estimulando por sua vez a geração de emprego e renda entre os natalenses. O mesmo acontece com a realização dos shows privados, também liberados, mediante a adoção das medidas de segurança sanitária.



ES CO M A O T

DE “TODO NATALENSE”

Por William Medeiros

Trilhando um caminho de 10 anos de atuação e somando mais de 500 mil seguidores – juntando Facebook e Instagram – o perfil Todo Natalense é um dos mais famosos veículos de comunicação no cenário de produção de conteúdo digital do Rio Grande do Norte. O responsável por tudo isso é o influencer potiguar Mateus Angelo. Em entrevista à revista Cultue, o jovem detalhou a própria trajetória e os resultados do trabalho realizado no ambiente digital.

Segundo Mateus, o Todo Natalense surgiu de uma “lacuna” que, para ele, é a falta de apreço pelo bairrismo e pela identidade local. O perfil ajudou a popularizar assuntos da cultura do povo potiguar, como as gírias, a música e até a história de personagens ilustres como Câmara Cascudo e Dona Militana. O trabalho começou no Facebook abordando características essenciais de quem mora no Rio Grande do Norte, sempre usando uma linguagem bem-humorada.

Com os conteúdos, a página não só caiu na boca do público, mas participou ativamente de momentos importantes e históricos, como o protesto da “Revolta do Busão”, realizado em 2012. Mateus contou que, na época, o veículo foi um dos principais divulgadores do evento e mostrou a força das redes sociais. “Foi um divisor de águas”, acrescentou ele.

Produção de conteúdo digital no RN – Eu estou há 10 anos nesse meio. Então, eu vi toda evolução acontecer de fato. Desde quando era algo desacreditado, que a galera não acreditava, não queria pagar, não queria contratar. Não é nem não querer, é não conhecer, né?! Era algo que a galera não conhecia, a galera que eu falo são os empresários. Mas, graças a Deus, hoje, temos a popularização do Instagram, do Facebook, do TikTok, Kawaiï, diversas redes sociais se popularizaram muito. Hoje todo mundo tem,

até minha avó tem. É um start. Às vezes, a gente vai criando um conteúdo, [viralizando] conteúdo... eu, particularmente, não crio com a pretensão de “esse aqui vai ser um fenômeno”. Eu crio achando legal, que o povo vai gostar, e às vezes viraliza. Tem vídeo meu que bateu 5 milhões de views, sendo que eu nunca esperava. Então é isso aí. É criar. Criar, fazer, ser original.

“Todo Natalense é muito importante para que, hoje, até a palavra ‘galado’ não seja vista como um palavrão”

Fama – Cara, o “tô famoso” é recente. Uma coisa absurda de gente batendo foto comigo. Recentemente, também no Carnatal. Acho que é gradativo, mas acho que é o meu melhor momento, até porque eu estou na TV, nos comerciais, eu tô em busdoor, tô em encarte, tô em jornal. Então, eu passei a ser multiplataforma e estar em todo o lugar. Para se alcançar desde a dona Severina da cantina até o jovem. No entanto, acho que é muito recente. Ontem eu fui para um restaurante e, de boa, o garçom já me conheceu, já pediu uma foto, o médico falou comigo. Realmente, acho que o “famoso” é uma palavra muito forte, famoso é aquele cara que não tem paz. Tem gente que não tem paz. Mas, eu já recebo carinho como se as pessoas se sentissem como meus amigos.

Críticas – Recentemente, eu fui muito atacado nas redes sociais por ter ido ao Carnatal. Porque eu divulguei o “fique em casa”, no pico da pandemia, e nessa retomada dos eventos eu

estou indo para muitos eventos. Não entendi porque fui atacado só por ir ao Carnatal. Mas aí entra o hater, já tem o nome do evento que é muito forte e tal. Só que, assim, eu lido muito com a forma do meu pensar, se está de acordo com o que eu penso e relacionado à minha ética... eu acredito na vacina, meu pensamento relacionado a essa polêmica é que acredito na vacina, estou vacinado, a maioria das pessoas que estão aí também está vacinada. Mesmo assim, a galera ignora totalmente o fato de ser um evento com as normas, respeitando as normas de vacinação e tudo. E que é uma oportunidade para atacar. Uma galera já tem uma raiva de mim, devido ser contra alguns posicionamentos meus. Então eu nem ligo tanto mais.

Todo Natalense – [Surgiu] inicialmente com a resenha, falando do bairro, falando do ônibus, falando da gíria... surgiu com essa pegada mais humor, que era algo do meu cotidiano na época, do meu convívio, e foi dando certo porque a galera sentia falta disso. Era algo que a população potiguar sentia falta, já que não conhecia sua história, suas raízes, não tinha orgulho e é muito fácil criar conteúdo porque, praticamente, eu pesco dentro de um aquário. Hoje tem mais páginas que falam sobre a cultura potiguar. Até os grandes veículos passaram a abordar um pouco mais, você vê em TV, você vê em jornal falando um pouco sobre. Mas, quando eu comecei, não se via um movimento sobre Natal e a sua história, sobre o Rio Grande do Norte e a sua história. Eu acho que o meu maior orgulho é isso. O Todo Natalense é muito importante para que, hoje, até a palavra “galado” não seja vista como um palavrão. Hoje, você vê as camisas, você vê a galera brincando com a palavra, ensinando para gringo. Com orgulho, o Todo Natalense tem uma parcela muito importante nisso, desse trabalho que a gente foi fazendo ao longo dos anos, de valorização do que é nosso.

NEGACIONISMO NÃO TEM ESPAÇO NO TEATRO



TITINA MEDEIROS

Por Nathallya Macedo

A pandemia da Covid-19 trouxe dor, medo, luto e o sentimento constante de incerteza. No primeiro momento, ainda sem vacina, o negacionismo no Brasil tomou proporções alarmantes, manifestando-se na negação ou minimização da gravidade da doença e no boicote às medidas preventivas. Depois, veio a infeliz tentativa de descredibilizar os imunizantes desenvolvidos com tanto empenho pelos pesquisadores.

Disfarçado entre interesses político-ideológicos, o negacionismo prejudicou e ainda segue abalando o enfrentamento ao coronavírus. Com esse cenário em mente, a atriz potiguar Titina Medeiros resolveu agir e pensou, junto ao companheiro César Ferrario, em um espetáculo de teatro com base na ciência, conduzindo um movimento de democratização do acesso à informação e do conhecimento através da cultura, de forma honesta.

“Quando chega a pandemia e começa o negacionismo, a gente pensa ‘vamos gerir um trabalho que fale de ciência’. Decidimos falar de Charles Darwin, na teoria da evolução. É um espetáculo que a gente vê um pouco da biografia dele e que acaba incentivando as pessoas a conhecerem um pouco mais sobre o assunto”, relembrou a artista.

“Sinapse Darwin”, enfim, surgiu. Foi pensado durante a pandemia para ser realizado na praça, com as pessoas presentes, com o objetivo de atingir uma grande quantidade de espectadores justamente para disseminar a mensagem. O espetáculo remonta a história de Darwin de maneira inusitada, com linha narrativa desobediente ao tempo, requisitando a imaginação do público e trazendo elementos de teorias contidas em “A Origem das Espécies”.

“Darwin fala de esperança, de renascimento, de evolução, e acho que o espetáculo significa isso para nós, superação”, pontuou Titina ao reconhecer a importância da temática nos tempos atuais. “Que as artes, a sensibilidade, a ciência e a educação tenham o valor que merecem em nosso país”.

É nessa perspectiva que o grupo de atores levou o espetáculo para a Praça do Gringos no último fim de semana, dentro da programação gratuita do “Natal em Natal”. A peça tem um “roteiro não dito”, sem falas, mas com uma história leve e de fácil absorção. “Sinapse Darwin” é uma realização da Casa de Zoé, produtora de Titina, e tem previsão de ser apresentado em Parnamirim no mês de janeiro, e em Mossoró, em fevereiro.

Com uma carreira de mais de 20 anos, Titina ganhou a TV brasileira em 2012 com a estreia da novela Cheias de Charme. Antes, já era destaque local com a atuação em trabalhos publicitários e

em grupos de teatro, como o Clowns de Shakespeare. Teatro este que sempre foi a realização de um sonho para a atriz, que vive sob o desejo de enaltecer o dom da atuação por onde passa.

Recentemente, promoveu temporada online do espetáculo “Meu Seridó” – que veio da ânsia de contar a história da região que é raiz de Titina, nascida em Currais Novos e criada em Acari. Já “Candeia”, que estreou durante a pandemia, trouxe o sagrado feminino para o centro do discurso. Teve ainda “Os Roni”, sitcom do canal Multishow que conta com a participação dos artistas Whindersson Nunes, Tirullipa e GKay.

“A gravação dos recentes episódios foi estressante. Não tinha vacina ainda, no começo de 2021, e eu peguei Covid mesmo com todos os protocolos. No meio da gravação, a gente perdeu Paulo Gustavo e isso causou muita tristeza. Ele era uma referência para todo mundo, com aquele tipo de humor. Ele chegou e abriu espaço para várias produções”, contou Titina.

À Cultue, a atriz revelou sua visão sobre o audiovisual potiguar, ressaltou a importância de políticas públicas e comentou ainda seu papel como mulher na sociedade e no mundo artístico.

“Quem entrar para presidente em 2022, não pode ignorar a Lei Aldir Blanc”

Audiovisual potiguar – Sou fã. A galera começou a entender a força da união para produzir, do coletivo. Que isso fique cada vez mais forte, mais potente, e que cresça. Alice Carvalho [atriz potiguar] é uma das protagonistas da série do Amazon Prime Video, com mais 14 atores potiguares. A série terá projeção internacional e

demonstra nossa força produtiva. É por isso que o incentivo financeiro do Estado na arte é importante. Engenharia tem incentivo, comércio tem... por que nós, que oferecemos coisas positivas para a sociedade, não temos? A sociedade precisa de arte, a pandemia foi prova disso.

Posicionamento político – A gente perdeu tanto. Bolsonaro fez um desmonte, até o Ministério da Cultura deixou de existir. A gente não vivia com maravilhas, mas a gente teve um ‘boom’ no governo Lula com os editais, por exemplo. O desmonte foi tão grande que agora é uma reconstrução do que tinha. Em nível estadual, estamos vivendo a reabertura dos equipamentos culturais. É importante minimamente ter um teatro, e nem isso estávamos mantendo. Mas pedimos uma política cultural mais ampla.

Lei Aldir Blanc – Que paradoxo! Paradoxo porque aconteceu dentro do governo Bolsonaro: ele não queria mas aconteceu. Os recursos abriram portas para ajudar quem precisava. Que coisa mais incrível! Eu acho que, quem entrar para presidente, não pode ignorar a lei. Ela tem que ser repensada, mas não pode deixar de existir.

Papel feminino – Eu sou artista e sou mulher, é entrelaçado. A questão do feminino é o caminho apontado para mim artisticamente. Recebi, no ano passado, um convite para dirigir um trabalho só de mulheres, o Candeia, que fala da força feminina ancestral, das nossas avós. Com isso, me conectei ao meu ‘eu’ mulher artista em um lugar de saber que eu quero seguir, mas que, para isso, tenho que me conectar a mim. É como se, ao mirar para frente, eu tivesse também que mirar para trás. E mirar para frente é também amar os homens, não da forma subserviente como a gente ama hoje, mas para aprender. Que não pareça ‘passar a mão na cabeça’, mas é quase como perdoá-los ancestralmente. Nossa condição de mulher é dolorosa porque somos educadas a ser ceifadas. Quero continuar me conhecendo mulher para aprender a acolher, a ter afeto, ainda entendendo que a luta é necessária.

BRUNNO MARTINS



PORTAS REABERTAS

Com o lema “Valorizar a nossa cultura é olhar para o futuro”, o Governo do Estado do Rio Grande do Norte e a Fundação José Augusto (FJA) lançaram o projeto “Reviva Cultura”. Através dele, vários espaços culturais estão sendo reabertos. Exemplo disso é a reabertura da Fortaleza dos Reis Magos, marcada para este sábado, dia 25 de dezembro - data do aniversário de Natal. O local estava fechado desde 2018, quando foi iniciada uma reforma. Segundo a governadora Fátima Bezerra (PT), o prédio é de suma importância para a memória e o lazer do povo potiguar. “Para o turismo, então, é um espaço essencial que voltará a atrair viajantes ao nosso estado”, disse.

Diversos representantes da classe cultural viram a reabertura do Forte como algo bastante positivo. “Na verdade, o Forte [dos Reis Magos] tem uma característica mais de visitação e ele por si só é uma peça já museológica fundamental para a cultura do Rio Grande do Norte”, comentou Rodrigo Bico - que é ator, poeta e professor. “No âmbito turístico traz muita riqueza, como também para o povo pela própria identidade potiguar e vai ser reaberto no dia 25, algo muito simbólico”, complementou o cantor e compositor, Júlio Lima.

Além do Forte, outros espaços foram reabertos ou tem previsão para serem entregues em breve. Alguns exemplos são a Biblioteca Câmara

Cascudo, a Pinacoteca do Estado, o Papódromo, o Complexo da Rampa e o Teatro Alberto Maranhão, bem como a sua Escola de Dança.

Questionado sobre a importância da reabertura dos espaços culturais para a economia e o turismo local, o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH-RN), Abdon Gosson, comentou que as ações trazem benefícios para o estado. “Principalmente um destino como o nosso, no Rio Grande do Norte, onde as pessoas vêm muito provocadas pelo sol e o mar, você ter opções do turismo cultural faz com que o turista que aqui chegue possa ter um tempo maior de permanência”. Na avaliação do gestor, antes o turista passava no máximo uma semana no estado. Agora, com a reabertura dos espaços culturais, a expectativa é que o período chegue a 9 dias ou até mais.

Teatro Alberto Maranhão - Um espaço bem importante para o público potiguar é o Teatro Alberto Maranhão, que, após seis anos sem receber talentos em seu palco, voltou a abrir as portas para o público na sexta-feira, 17 de dezembro. A primeira apresentação consistiu em uma sessão com operários e seus familiares, onde eles puderam acompanhar as músicas e poesia da banda Forró Meirão, bem como as apresentações dos artistas Jessier Quirino, Genildo Costa e Antônio Francisco.

“Essa pré-estreia tem a marca de um governo realmente de perfil popular. O primeiro espetáculo é dedicado aos operários, aos trabalhadores e trabalhadoras que construíram essa reestruturação”, ressaltou a governadora Fátima Bezerra. A abertura para o grande público só aconteceu no domingo 19 e se desenrolou durante toda a semana que antecede o natal, com espetáculos, solenidade, apresentações e exibição de produções audiovisuais.

Para Rodrigo Bico, que já se apresentou no teatro, é uma grande emoção ver o Alberto Maranhão funcionando novamente. “Eu me apresentei na abertura, inclusive. Pisei no palco pela primeira vez por volta dos 12 anos de idade, quando era de um projeto social da escola onde eu atuava quando comecei a fazer teatro. Já me apresentei diversas outras vezes. Então, para mim é algo muito emocionante, muito marcante e que se mantenha aberto sempre, com manutenção e com cuidado, para que ele não passe mais tanto tempo com as portas fechadas”, comentou.

A Escola de Dança do Teatro Alberto Maranhão (EDTAM) também foi reaberta em maio de 2021, beneficiando 500 alunos. O evento contou com a apresentação de dança das bailarinas Laura Eduarda e Margoh Lima, acompanhadas pelo músico da Orquestra Sinfônica do RN, Leixon Rodrigues.

ARGEMIRO LIMA



PINACOTECA POTIGUAR

PAPÓDROMO



Valorização da cultura potiguar - O projeto Reviva Cultura também se notabilizou pela reabertura da Biblioteca Câmara Cascudo, que estava fechada há quase uma década. O local tem acervo estimado em cerca de cem mil títulos, entre livros, revistas e publicações, além de vídeos, CDs, fitas VHS e uma ampla hemeroteca. Também foi inaugurado o auditório Zila Mamede, em homenagem à primeira diretora do espaço. Na galeria de artes do equipamento foi aberta a mostra “Naifs da Pinacoteca”, coletiva com obras dos artistas visuais Iaperi Araújo, Fé Córdula, Djalma Paixão, Ivanice, Nivaldo e Arruda Sales, entre outros. A Fundação José Augusto também preparou uma exposição com cem livros premiados no Edital Aquisição de Publicações de Livros, Revistas e Reportagens Culturais da Lei Aldir Blanc RN.

A Pinacoteca do Estado também foi restaurada, após quatro anos de fechamento. Agora, há um espaço com acessibilidade, por meio de rampas e elevadores, banheiros adaptados, ambientes climatizados, câmeras de segurança e uma moderna estrutura para eventos com sonorização e cabeamento estruturado. Também foram feitos serviços de restauração, revestimentos, recuperação de louças, metais e acessórios, esquadrias, instalações elétricas e hidráulicas, combate a incêndio, serviços de esgoto e águas pluviais. A Fundação José Augusto (FJA) abriu, no local, uma mostra do acervo próprio do Governo do Estado composta por 60 obras de artistas históricos como Newton Navarro, Maria do Santíssimo, Abraham Palatinik, Dorian Gray

Caldas e Zaira Caldas.

O Papódromo, outro espaço cultural de grande valor para a população do Rio Grande do Norte, recebeu o primeiro evento depois de 10 anos sem apresentações. A primeira apresentação foi um concerto da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte (OSRN). Além disso, houve um espetáculo gratuito em homenagem ao dia do forró, bem como o auto do Natal, produzido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O novo anfiteatro do local é totalmente equipado e possui palco, camarim, salas de ensaio, camarote, arquibancadas, banheiros e estacionamento para 150 carros. Os setores internos têm refrigeração central e total acessibilidade, com rampas e elevador e uma sala para ensaios da orquestra.

Com previsão de abertura para o primeiro semestre de 2022, o Complexo “Rampa - Arte Museu Paisagem”, em Santos Reis, segue com o trabalho para construção de um acervo museológico. Além do impacto cultural e social para quem vive em Natal, a obra vai funcionar como um grande atrativo turístico. Estudos preliminares de consultorias contratadas pelo projeto indicam que a ativação do complexo cultural, integrado com outros roteiros turísticos, pode aumentar em um dia o tempo de permanência de turistas na capital potiguar.

Representantes da classe artística esperam que os artistas sejam valorizados a partir dos investimentos realizados. “Agora, acredito que com esses investimentos nos espaços culturais, e suas respectivas reaberturas, seja possível, para

os próximos anos, existir um investimento humano na produção artística, na política pública consolidada, com os marcos legais modernos – que respondam os anseios da contemporaneidade do momento em que a gente está vivendo – porque esses espaços precisam ter produções artísticas nele, se apresentando e sendo criadas. É fundamental que esses espaços estejam preparados para isso”, disse Rodrigo Bico.

“Com certeza vai trazer muitas questões positivas, tanto no âmbito das apresentações de artistas daqui e de fora, como, também, no aspecto turístico desses espaços estarem reabertos”, disse Júlio Lima. “Estão reabertos para que a gente ocupe e para que a gente possa ter fruição de arte. Isso é muito importante, no aspecto geral para o povo do Rio Grande do Norte, como para o turista”, finalizou.

Serviço

Reabertura do Forte dos Reis Magos
Dia 25 de dezembro, sábado

Horário: 18h

No largo da Praia do Forte (área de acesso de carros à fortificação)
Acesso gratuito

Apresentações:

Banda Perfume de Gardênia em um tributo a Natal com artistas convidados
Chico César



**FORTE DOS REIS MAGOS SERÁ
REABERTO PARA A POPULAÇÃO**



CRISPINIANO NETO É PRESIDENTE
DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

REVIVA CULTURA PARECE SONHO

O jornalista e poeta Crispiniano Neto dirige pela terceira vez a Fundação José Augusto (FJA) no Rio Grande do Norte. A marca que ele imprime na gestão é a da reconstrução da política cultural do Estado. Natural de Santo Antônio do Salto da Onça, no Agreste potiguar, ele ainda é agrônomo, bacharel em Direito, cordelista, radialista, editor, produtor, diretor e ator.

Crispiniano Neto foi aluno da Escola Agrícola de Jundiá e engenheiro agrônomo pela hoje Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). Ele também é membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, ocupante da cadeira de nº 26, que tem como patrono Luís da Câmara Cascudo. O potiguar é integrante da Academia Norte-rio-grandense de Literatura de Cordel e da Academia Mossoroense de Letras, além de ser membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Como poeta tem mais de 160 folhetos de Literatura de Cordel publicados, com mais de três milhões exemplares espalhados pelo Brasil e outros países. Publicou mais de 20 livros, participou da comissão gerenciadora da Lei Câmara Cascudo por mais de dez anos e fez parte do Conselho Curador da Fundação José Augusto antes de assumir a gestão.

À Cultue, o gestor falou sobre o projeto “Reviva Cultura”, de reabertura de espaços culturais, indicou possíveis mudanças do mundo artístico

no pós-pandemia e teceu críticas ao atual governo federal.

Revista Cultue – Sabemos que o senhor tem uma vasta carreira e ocupa atualmente lugares importantes, como a Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Como surgiu seu interesse pela literatura e artes em geral?

Crispiniano Neto – Desenvolvi o hábito da leitura na Biblioteca Pública de Santo Antônio (do Salto da Onça), cidade onde nasci. Fui o maior frequentador da biblioteca. Estava sempre lendo ou levando livros para ler em casa. O cenário para as artes era muito desfavorável naquele ambiente de uma cidade muito pequena em tempos de ditadura. Santo Antônio era, de certa forma, a minha Macondo, onde a vida corria muito ligada ao passado, mas sem muita consciência disso. Fui conhecer a atividade teatral, por ética e musical no Colégio Agrícola de Jundiá, onde convivi com Aécio Cândido. Ali realizávamos shows, fazíamos um jornalzinho mimeografado e trazíamos atrações culturais para os colegas. Estes dois momentos são fundamentais para o desenvolvimento do meu interesse pela Cultura.

Revista Cultue – Ter nascido no interior do RN foi, de alguma forma, empecilho para que o senhor adentrasse o mundo cultural? Suas raízes territoriais influenciam sua

obra?

Crispiniano Neto – Claro. O interior tem suas raízes culturais muito fortes, mas política cultural praticamente não existe. A Fundação José Augusto até a criação do programa de casas de cultura no interior, quase não passava da Reta Tabajara. Era uma fundação quase que natalense. A única vez que ouvi falar dela foi quando Santo Antônio recebeu o Circo da Cultura. Veja que Mossoró, para onde fui fazer faculdade e fiquei, é uma cidade com muita força na área cultural, mas Natal, a quem o jornalista Canindé Queiroz chamava de “Nova Roma,” é uma cidade que gira em torno de si própria. Não tem uma visão de Estado. Como sede de poder não olha muito para os outros territórios de cidadania. É uma tragédia que no início da terceira década do terceiro milênio, um Estado que tem 167 municípios, só tenha livrarias em três deles, teatros em dez e só tenha cinemas em shoppings, que só existem em Natal e Mossoró. Bibliotecas existem em quase todos os municípios, mas não existem projetos de leitura. Estamos tentando furar essas barreiras com os nossos editais, garantindo cotas de prêmios nos dez territórios de cidadania. Minhas raízes culturais influenciam, sim, a minha obra e a minha vida. Mas é bom dizer que para conhecer as próprias raízes temos que pesquisar muito e ter uma militância cultural com este foco, pois somos justamente da geração mais vitimada pelo violento processo de invasão cultural que se processou de maneira dolorosa durante a guerra fria, que coincide justamente com a ditadura brasileira e a consolidação da televisão com seu claro projeto de hegemonia ideológica. Nestes tempos a nossa cultura sofreu um grave processo de invisibilização e de substituição por valores culturais que não são nossos.

Revista Cultue – O senhor é engenheiro agrônomo, além de outras profissões e especializações. Acredita que a educação tem papel importante no acesso à cultura?

Crispiniano Neto – Quanto à minha condição de engenheiro-agrônomo, costumo dizer que agrônomo ou dá pra tudo ou não dá pra nada. Porque o curso abrange as três grandes áreas acadêmicas, a Ciências Exatas, pois é uma Engenharia, as Ciências Biológicas porque aprendemos a trabalhar com a vida, tanto na para animal quanto vegetal e ainda no que se refere à Microbiologia e abrange com amplitude as ciências sociais, pois o curso nos oferece, Sociologia, economia, conhecimentos antropológicos e pedagógicos para que se possa tornar extensionista e ainda a administração. Durante todo o curso

de Agronomia agregamos a tudo isso o trabalho artístico-cultural, pesquisando, produzindo e publicando Literatura de Cordel e trabalhando com teatro, música e com a luta estudantil que amplia muito a visão de mundo. Costumo dizer que os destaques dos estudantes da minha época são mais para os que se envolveram com a luta estudantil e cultural do que para os CDFs, os excelentes alunos ‘nota 10’, que aprenderam muito as disciplinas mas não desenvolveram uma visão de mundo ampla mais transversal. Depois ainda tive uma vivência como estudante e líder estudantil do curso de Direito, quando me envolvi mais ainda com a questão da Cultura. E uma larga experiência como professor de Educação Artística, sindicalista, cooperativista e homem de rádio e jornal, afora a militância partidária que exige a gente ser como diz o poeta Concriz, em verso usado por Alceu Valença, “ser como saco de cego, que de tudo tem um pouquinho”... Quanto à educação tem um papel central, pois como já falei, nossas cidades não têm teatros, livrarias nem cinemas. Acrescente-se aí também a ausência de galerias, museus e outros espaços culturais. A TV tornou-se uma máquina unificadora dos saberes, pasteurizando tudo a partir dos interesses que ela defende. A internet chegou, mas não trouxe grandes novidades porque a maioria da rapaziada pulou da TV para o Iphone sem passar

“Me impressiona que somente 14% das casas brasileiras tenham livros. A cada 10 lares, oito nunca viram um livro”

pelo livro e esta ferramenta magnífica tornou-se apenas uma espécie de “mais do mesmo”. Me impressiona que somente 14% das casas brasileiras tenham livros. Isso quer dizer que em cada dez lares deste País, oito nunca viram um livro. Dói-me constatar que o único bem mais concentrado que a terra e o dinheiro no Brasil é o livro. Então, o papel da escola é fundamental para suprir essa distorção. Infelizmente quase não vemos esta discussão no meio educacional. Não é por acaso que sofremos em profundo grau a sentença poética de Mário Quintana: “O pior analfabeto é aquele que aprende a ler, mas não lê”. As teorias pedagógicas apontam para um casamento forte entre arte e educação, mas na prática deixa muito a desejar. Não por acaso eu e Getúlio Marques, secretário da Educação, temos

nos esforçado muito para unir cultura e educação. Não é fácil porque em 65 anos de Fundação José Augusto isto nunca aconteceu de fato. Mas estamos lutando neste rumo.

Cultue – Até hoje, qual foi seu maior desafio como escritor? Qual é a obra que o senhor destaca na sua carreira?

Crispiniano Neto – Minha poesia é popular nos dois sentidos. Tanto no sentido de ser de alcance do povo, como do ponto de vista político, de ser uma poesia em defesa das lutas do povo. Já vi colegas tentando incluir palavras bonitas, difíceis nas suas poesias para parecer erudita. Faço justamente o contrário. Sempre procuro deixar a mensagem mais compreensível e mais fácil de ser usada pelas pessoas do povo. Sem maiores pretensões sou, talvez, aquilo a que Gramsci chama de intelectual orgânico. Meu maior desafio foi mesmo o meu primeiro livro: “A verdade é pra ser dita”, publicado sob as graças do jornal Gazeta do Oeste, onde eu trabalhava e tinha a gráfica ASTECAM. A obra de destaque, sem dúvida, é “Lula na Literatura de Cordel”, que me abriu espaço em todos os recantos do País, até pela força da personagem. Cheguei até a ver grande parte do meu livro encenado no Sambódromo de São Paulo, pela Escola de Samba Gaviões da Fiel, que trabalhou o meu livro e “Lula, o filho

JOANA LIMA



do Brasil”, de Denise Paraná, mas como o cordel permite mais a dramatização, os nossos temas estavam mais presentes ali. Em termos de abrangência posso citar “O Nordeste nas canções de Luiz Gonzaga” que já deve estar perto de 150 mil exemplares vendidos e adotados em centenas de escolas como ‘paradidático’. “O Casamento de Zé Teatro com Maria Escola”, texto de dramaturgia, também se tornou importante porque é uma peça teatral com mais de trezentas montagens. E o “Auto da Liberdade”, outra peça teatral que chegou até a concorrer ao Guinness Book.

Cultue – Quem são seus maiores influenciadores culturais?

Crispiniano Neto – Na educação, Paulo Freire; na poesia e na música Chico Buarque, no estudo da Cultura Popular, o mestre Câmara Cascudo patrono da minha cadeira na Academia Brasileira de Literatura de Cordel, gênio de quem tive a honra de apertar a mão. Quanto aos escritores, gosto de muitos, mas tenho predileção por George Orwell.

Cultue – Sabemos que o senhor tem forte presença na política. O que guia sua atuação nesse sentido?

Crispiniano Neto – O mesmo que me guia nas artes e na vida. A utopia de ver um mundo melhor. O sonho da felicidade que vi em meu pai, um homem simples, mas que dedicou a vida a fazer o bem, que não deixou nenhum bem material para os filhos, mas deixou a herança da inteligência e do caráter.

Cultue – O senhor já assumiu a FJA em outras duas oportunidades. Essa experiência prévia te ajuda de que forma?

Crispiniano Neto – Creio que seria muito difícil a um gestor que chegasse na Fundação José Augusto sem conhecer os fios soltos da meada, a cultura da instituição, com seus prós e contras, as fraturas expostas e as soluções que estão nos meandros, nos escaninhos, nos vãos das coisas. Saber onde as coisas pararam e por quê pararam é um manancial de conhecimentos que ajuda demais a tomar decisões. O principal é ter relações dentro e fora da instituição que ajudam a destravar as coisas. Conhecer as pessoas, suas competências e limitações e, principalmente, suas idiossincrasias. Uma instituição tem sentimentos e saber o sentimento das pessoas que a fazem é fundamental.

Cultue – A cultura era um setor talvez negligenciado por alguns. O que pode explicar esse fenômeno, na sua visão?

Crispiniano Neto – A cultura sempre foi negligenciada. E digo sem menosprezar governos anteriores. Quando cheguei à Fundação no governo Wilma a infraestrutura da cultura potiguar já estava em declínio. A FJA começou a decair quando, no passado, venderam as ações da Petrobrás que garantiam recursos à instituição. A partir daí foi a caminhada para o “pires na mão”. Os recursos da Cultura não são vinculados então, os cortes chegam, quando chove muito ou quando faz muito sol. Se houver uma queda nas bolsas da Cochinchina a cultura é atingida. Agora temos uma situação mais delicada, porque a Cultura entrou na linha de tiro no “negacionismo” e aí não se trata só da Cultura artística. Engloba também a cultura científica, a filosofia, as religiões e tudo que represente a inteligência. Não se trata só de um tempo de negacionismo. É barbárie mesmo. Não por acaso Hitler mandou queimar livros e Mussolini disse que a cabeça de Gramsci tinha que parar de pensar. É disso que se trata hoje.

Cultue – Na pandemia, as artes ganharam força e acalentaram muitas pessoas no período de isolamento social. O senhor

“Não se trata só de negacionismo. É barbárie mesmo. Não por acaso Hitler mandou queimar livros”



acredita que agora as pessoas passaram a enxergar a importância do segmento?

Crispiniano Neto – Assim como tivemos um novo comportamento com as energias depois do “Apagão” dos tempos de FHC, com certeza está sendo construída uma nova mentalidade com relação à cultura e à própria maneira de viver para a pós-pandemia. Deve ser uma pessoa muito limitada mentalmente para não ter lido livros e revistas, não ter assistido filmes e curtido música na pandemia. Nem que seja novela diária e reprisada, de alguma forma as artes estiveram presentes na vida das pessoas durante o período de distanciamento e isolamento social. O reflexo disto está na força com que as pessoas estão voltando aos eventos. O show do Cordel do Fogo Encantado na reabertura da Pinacoteca, as performances da inauguração da Biblioteca, uma semana de casa cheia como estamos vendo na reabertura do Teatro Alberto Maranhão, quando tivemos casa cheia até para ver cinema potiguar em dia de Homem Aranha nos cinemas comerciais. E o que se espera para o show de Chico César na reabertura do Forte dos Reis Magos é mostrar que as pessoas estão voltando mais linkadas com as artes, mais desejosas de bons espetáculos. O Papódromo e a Árvore de Natal estão cheios quase diariamente. Aprendemos muito com a pandemia e com certeza iremos aprofundar este aprendizado na medida em que novo normal vá se configurando com suas novas nuances.

Cultue – Aliás, a Lei Aldir Blanc, sancionada pelo atual governo federal, possibilitou que muitos artistas produzissem conteúdo nesse período. Foi uma lei acertada?

Crispiniano Neto – Mesmo sem querer negar que a lei foi sancionada pelo governo federal, não podemos deixar de destacar que foi uma lei contra a vontade do governo, que tem se posicionado contra a cultura em todos os momentos. Esta foi uma lei construída de baixo para cima. Começou como uma demanda dos artistas depois que Aldir Blanc, médico e famoso, morreu de Covid à míngua, perambulando por hospitais do Rio de Janeiro, que Nelson Sargento colocou seu violão e os ternos da Verde e Rosa à venda e Zizi Possi abriu uma vaquinha virtual. Aí se viu a tragédia que tinha se abatido sobre os trabalhadores da cultura em geral. O Fórum dos Secretários Estaduais de Culturais abraçou a causa e os secretários municipais se engajaram. A deputada Benedita da Silva apresentou um projeto de 600 milhões e descobriu que havia 2,8 bilhões da cultura encalhados desde Michel Temer. Mais cinco deputados apresentaram projetos. O movimento

cultural conseguiu junto a Rodrigo Maia, então presidente da Câmara, fazer o projeto tramitar e caímos em campo, em todo o Brasil, para mobilizar os políticos. A aprovação foi unânime, com exceção do Partido Novo. Realmente houve muita produção. No RN, foram 2.700 prêmios mais 900 auxílios emergenciais, perfazendo 3.600 premiados. São Paulo com dez vezes mais dinheiro premiou quatro mil artistas. Quando vemos uma mostra de audiovisual produzida com recursos da Lei Aldir Blanc enchendo o Teatro Alberto Maranhão e com um nível de qualidade impressionante ficamos muito felizes. Basta dizer que 'Sideral', que chegou a Cannes, está neste pacote de luxo.

Cultue – O governo federal, vale lembrar, extinguiu o Ministério da Cultura. Em que medida esta ação prejudica os Estados e, particularmente, o Rio Grande do Norte?

Crispiniano Neto – É uma ação criminosa. Veja que Temer tentou acabar com o Ministério da Cultura e não conseguiu. Bolsonaro não só acabou, como rebaixou para Secretaria, que ficou migrando de um ministério para outro e, entre titulares e interinos, já teve nove "secretários nacionais" de Cultura até chegar nesse rapaz que lá está para travar tudo. Imagine o que é ver-se um "ministro" da Cultura lutando contra a Lei Paulo Gustavo, é como se o ministro da Saúde lutasse contra o SUS. Prejudica demais os estados e municípios, mas a gente luta tentando encontrar brechas e soluções com servidores de carreira que ficaram por lá e que têm amor à cultura e ao serviço público. O Rio Grande do Norte tem a sorte de ter uma governadora que granjeou respeito mesmo num governo de extrema direita e quando as coisas desandam ela entra no circuito e ajuda a destravar.

Cultue – Mesmo com dificuldades, a gestão estadual preparou a reabertura de alguns equipamentos culturais que estavam fechados há anos, como o Teatro Alberto Maranhão e a Pinacoteca. Como foram empreendidos os esforços para que isso fosse possível? A iniciativa se faz de extrema importância, principalmente nesse período turbulento para a cultura?

Crispiniano Neto – Parece um sonho, que na contramão do marasmo, do isolamento, da falta de recursos e do negacionismo, estejamos acendendo as luzes e abrindo as cortinas dos principais equipamentos que compõem a infraestrutura da Cultura Potiguar. A Biblioteca Câmara Cascudo, que é 'cabeça de rede' fechada há nove anos, Teatro, Papódromo, Escola de Dança, Pinacoteca, Forte dos Reis

Magos, todos fechados há seis anos e ainda o Museu da Rampa que é da SETUR, mas também é Cultura. Além disso temos centenas de projetos em andamento pela Lei Aldir Blanc e dezenas pela Lei Câmara Cascudo, fizemos o edital do RPV – Registro do Patrimônio Vivo que beneficiará mestre e grupos folclóricos na terra de Câmara Cascudo e Veríssimo de Melo e estamos ganhando um edital de 15 milhões junto ao BNDES para investirmos nas casas de Cultura, chegando com a ação do Governo Fátima Bezerra no interior, onde também já chegamos com quase 15 milhões da Lei Aldir Blanc com o processo de territorialização dos editais. Avaliamos que o saldo seja muito positivo para tempos tão difíceis. Ressalte-se que somente na área de publicações tivemos nada menos que 183 títulos publicados, um saldo animador.

Cultue – A Lei Câmara Cascudo, de âmbito estadual, atende grandes espetáculos. Como diluir esse investimento aos pequenos projetos e, sobretudo, ao interior do RN?

“Bolsonaro não só acabou [com o Ministério da Cultura], como rebaixou para Secretaria, que já teve nove titulares”

Crispiniano Neto – Estou na Lei Câmara Cascudo desde a primeira Comissão Gerenciadora quando fui eleito para representar a sociedade civil organizada. Sempre fui crítico da visão extremamente neoliberal da lei. Neoliberal e concentradora. Sempre questionei que a Paraíba no Fundo Augusto dos Anjos financiava cem projetos com dois milhões e aqui com cinco ou seis milhões a LCC financiava 18 a 20 projetos por ano, sendo que 75% dos recursos ficavam para cinco ou seis projetos sempre repetidos. Vale salientar que 90% dos recursos ficavam em Natal, com os outros 10% ficando quase que só entre os municípios produtores de petróleo, até que a Petrobras deixou de patrocinar cultura no Estado e concentrou mais ainda. Hoje a COSERN tem um edital todos os anos que recebe algumas críticas, mas cumpre o importante papel de descentralizar os recursos, aumentando o número de projetos patrocinados e espalhando mais pelas regiões do Estado.

Mas concordo que ainda tem muito a melhorar na Lei Câmara Cascudo. A chegada, em breve, do Fundo Estadual de Cultura deverá ajudar a corrigir mais um pouco essa distribuição de recursos.

Cultue – Com o avanço da vacinação contra a Covid, qual é a perspectiva para grandes eventos no estado?

Crispiniano Neto – A perspectiva é muito boa, mas é preciso que as pessoas entendam que além da vacinação, precisa continuar o uso da máscara, o distanciamento e o uso do álcool, seja em forma de gel ou não, mas que seja a 70 graus. O maior problema que enfrentamos desta pandemia foi a ignorância. Se as pessoas tivessem a mínima noção de microbiologia, de como é formado um vírus, de como ele se reproduz e do modo como ele pode ser combatido ou evitado não teríamos o mundo ajoelhado diante de um ser tão frágil. Se as pessoas souberem se comportar com mentalidade profilática e de respeito à vida. À vida dos outros e à própria vida.

Cultue – O senhor acredita que o mundo artístico/cultural mudará no pós-pandemia? De quais formas?

Crispiniano Neto – Sim. Mudará. Uma coisa que veio para ficar é o trabalho virtual, especialmente no mundo artístico, cuja essência é o ato de comunicação. Ninguém produz arte para si e as redes sociais aí estão para ficar. Além das tecnologias de comunicação temos outras formas de acessibilidade que vieram para ficar. Produzimos uma revista O Galo e uma Préa. Não temos mais tempo nem dotação orçamentária para mandar imprimir. Vamos difundir-las pelas redes sociais. O QR Code será a porta de entrada. O mais difícil está pronto, que é o conteúdo. O acesso terá muito mais possibilidades e com certeza haverá muito mais leitura.

Cultue – Quais são as prioridades da FJA para 2022?

Crispiniano Neto – Num tempo de resquícios de pandemia e ainda de quebraadeira no Estado, que só agora começa a dar sinais de equilíbrio fiscal é difícil planejar. Mas temos como grande prioridade investir nas casas de cultura, na formação de artistas, na luta para reabrir a gráfica e editora e de aprofundarmos a parceria com a Secretaria de Educação para chegarmos com atividade cultural nas escolas. E, claro, enchemos de atividades os espaços que estão sendo abertos, visto que a abertura de cada um deles é apenas um recomeço.



Marcos emblemáticos compõem a história de Natal desde 1599. Neste sábado 25, a cidade completa 422 anos de existência. Da data de fundação que coincide com o dia do nascimento de Jesus no calendário cristão à Segunda Guerra Mundial, a capital potiguar é um mosaico cultural de ricas simbologias, segundo o professor aposentado da UFRN e membro do Instituto Histórico e Geográfico do RN (IHGRN), Luiz Brandão Suassuna.

De acordo com Kokinho, como ele é conhecido, a cidade cercada por dunas coleciona belezas naturais e características culturais originais. “O que mais marca Natal é a sua beleza, circundada pelo rio Potengi. Além disso, a cidade deve se orgulhar do seu povo extremamente hospitaleiro”, justificou.

A análise de Suassuna se sustenta no “oferecimento de uma gastronomia regional excelente”, a qual exemplificou por meio da gíngua e tapioca, considerada Patrimônio Cultural Imaterial do Rio Grande do Norte. Tradicionalmente, a origem do prato é atribuída a pescadores da praia da Redinha, na Zona Norte da capital, entre os anos 1950 e 1960.

O professor destaca que até o posicionamento geográfico de Natal fez com que a cidade ganhasse destaque frente a outras cidades. Tal fato permitiu à cidade costurar seu nome na história mundial. “Desde o tempo colonial, quando era ponto de referência para a navegação, passando pela participação estratégica na Segunda Guerra Mundial, até os dias atuais, Natal mostra sua importância”, lembrou.

Suassuna cita como heranças desse tempo, o Forte dos Reis Magos, a Santa Cruz da Bica, a Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, o Convento Santo Antônio, a Igreja do Rosário dos Pretos, a casa de Câmara Cascudo e o Palácio Potengi - hoje Pinacoteca do estado. Alguns desses prédios passaram por recentes restaurações, assim como redutos culturais, a exemplo do Beco da Lama.

O professor chamou a atenção para a necessidade de preservar esses lugares a fim de incluí-los no roteiro turístico, além do sol e mar. “Deve haver um entrosamento das estratégias governamentais com o potencial histórico que o RN dispõe e apresenta. Tem havido um esforço governamental para a preservação apesar de toda a crise vivida. Exemplos são a reabertura da Biblioteca Pública, da Pinacoteca e do Teatro Alberto Maranhão (TAM)”, exemplificou.

Vale ressaltar que, com um dos mais belos litorais do Brasil que se estende por mais de 400 Km, Natal é considerada a cidade que possui o ar mais puro da América do Sul. Além de prédios, a capital potiguar detém de personalidades

CAPITAL POTIGUAR: 422 ANOS DE HISTÓRIAS

representativas, segundo Suassuna. Para ele, o historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo é a maior. O argumento do professor baseia-se nas “obras do folclorista” que “têm projeção internacional”. Os escritos de Câmara Cascudo e outros somam-se às manifestações folclóricas de Natal, como a da Sociedade Araruna, de acordo com Suassuna. Conforme análise dele, as atividades acadêmicas produzidas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e demais faculdades também produzem ganhos científicos e culturais para sociedade natalense.

Com tantos motivos para se orgulhar, o professor acredita que os natalenses têm sentimento de pertencimento em relação à cidade em que vivem. “Existem peculiaridades. Mas eu creio que sim. (Existe) a ideia de pertencimento, mesma que provinciana”, encerrou.

História - Fundada em 1599 às margens do Rio Potengi, Natal surgiu a partir da intenção espanhola de expulsar os franceses do litoral brasileiro no período da União das Coroas Ibéricas (1580 -1640). O rei da Espanha, Felipe II, determinou a construção de uma fortaleza para proteger a Barra do Rio Grande - como era chamado o território naquela época - e a fundação de uma cidade a uma légua da fortificação.

A Fortaleza dos Reis Magos foi inaugurada em janeiro de 1598, e seu nome faz referência ao Dia de Reis, quando se encerra o ciclo natalino. Quase dois anos depois, a uma légua da edificação, nasceu a cidade, que teve os limites demarcados em 25 de dezembro de 1599. Natal era uma cidade pequena, com poucos quilômetros de extensão. Começava

nos arredores da atual Praça das Mães e terminava na Praça da Santa Cruz da Bica, ambas localizadas na Cidade Alta. O início e o fim da cidade eram marcados por duas cruzeiras - até hoje ainda se conserva uma cruz simbólica na Praça da Santa Cruz da Bica.

Natal ou Nova Amsterdã? Em 1633, Natal é alvo da invasão Holandesa ao Brasil e recebe provisoriamente o nome de Nova Amsterdã, em alusão à capital holandesa. Para se ter ideia de como a cidade era pequena e pouco habitada em 1822, ano da Independência do Brasil, Natal tinha em torno de 700 habitantes. Mas, na segunda metade do século XIX, o algodão incrementa a economia local e promove o desenvolvimento da cidade, principalmente do bairro da Ribeira, região às margens do Rio Potengi, onde havia um pequeno porto. Nos primeiros 100 anos de sua existência,

Natal apresentou crescimento lento. Porém, no final do século XIX, a cidade já contava com uma população de mais de 16 mil habitantes. A partir de 1922, o desenvolvimento de Natal ganhou ritmo acelerado com o aparecimento das primeiras atividades urbanas. Outro acontecimento que inaugura uma nova fase na capital é a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942, ao lado dos Estados Unidos. Natal passa a ter uma base americana que atrai investimentos e um povoamento de 10 mil soldados americanos - aumentando em 20% a população local. Nos anos pós-guerra, a cidade continuava a se desenvolver e sua população aumentava aos poucos, mas foi no início da década dos anos 80, com a construção da Via Costeira, que Natal mudou completamente, e isso foi um marco importante para a história da cidade.



VISTA DO RIO POTENGI E DA
PONTE NEWTON NAVARRO

NATAL EM NATAL DO RECOMEÇO

JOANA LIMA

CELEBRANDO UM NOVO TEMPO

PRAÇA DA ARVORE
DE MIRASSOL

Após um ano suspenso no formato presencial por causa da pandemia, o Natal em Natal retornou em 2021 com a aprovação do público e da classe artística. Com uma programação recheada com muita música, dança, teatro, artes visuais, gastronomia e artesanato, diversas manifestações culturais estão contempladas nesta edição do evento que marca o recomeço dos grandes eventos culturais em um cenário de maior controle da Covid-19. O Município, aliás, tem adotado todas as medidas de prevenção, exigindo do público o cumprimento de protocolos sanitários como uso da máscara.

A programação que teve início em novembro segue até o próximo dia 6 janeiro, com foco na promoção e valorização do artista local, acontecendo em várias regiões da cidade com a presença maciça do público. As apresentações ocorrem nos polos no Centro Histórico (Rua João Pessoa e Espaço Cultural Ruy Pereira); Espaço Cultural Jesiel Figueiredo (Zona Norte); Redinha (Réveillon) e Espaço Cultural Marilene Dantas (Árvore de Mirassol).

Os festejos também contam com projetos contemplados pela lei de incentivo cultural Djalma Maranhão, desde exposições a festivais. Estes projetos seguem reunindo milhares de potiguares e turistas, movimentando a economia criativa. A Árvore de Mirassol transformou a praça localizada no bairro da Zona Sul da capital potiguar em uma grande quermesse a céu aberto.

O secretário de Cultura de Natal, Dácio Galvão, falou sobre os desafios para a realização desta edição do evento. “O Natal em Natal 2021 foi bastante desafiador por causa da pandemia. A Prefeitura, através da Funcarte e outras secretarias, abriu vários editais públicos que possibilitaram a realização do evento, assim como emendas parlamentares, Lei Djalma Maranhão e projetos já consolidados na cidade. Tudo isso nos possibilitou a realização de uma vasta programação em várias regiões das cidades. Não podemos esquecer que o show pirotécnico já foi confirmado para o dia 31. Tudo isso com recursos municipais através das vertentes que já falamos. Ao todo, são 8 semanas de uma programação extensa, de forma híbrida, dando opção



PREFEITURA DO NATAL

ao natalense de acompanhar presencialmente ou de casa”.

Nesta edição, a gestão municipal priorizou a participação de artistas locais. A cantora potiguar Khrystal ressaltou a importância do reconhecimento por parte da Prefeitura em priorizar os artistas da terra. “Acho de suma importância que os artistas sejam valorizados e expostos ao contato com o público, principalmente nesse momento, ficamos muito tempo sem trabalhar e nada mais justo que nessa retomada os artistas ocupem seus lugares de direito”, disse.

“Torço para que a classe artística seja olhada com mais atenção e respeito. Parece um desejo tão básico, mas ainda não é a nossa realidade. Sigo torcendo por isso, pois sem artistas não existe vida minimamente saudável e tanto nós quanto o público sabemos dessa importância. Entendo que cabe aos órgãos de gestão cultural esse entendimento e essa prática”, frisou Khrystal.

A cantora Nara Costa, que se apresenta nas comemorações natalinas há anos, também ressaltou a magnitude do evento. “O Natal em Natal na nossa cidade é uma festa pensada para todos, nós da classe artística sabemos o quanto é importante incluir a cultura de um modo geral nesta festa. Por isso acho muito importante ressaltar a diversidade musical neste evento tão popular e importante para a nossa cidade. Músicos, intérpretes, cantores e compositores podem divulgar e valorizar a música potiguar”, pontuou Nara.

Neste ano, o Natal em Natal tem o reforço da loja de artesanato Natal Original, após hiato

de um ano por causa da pandemia. A loja que fica no entorno da Árvore de Mirassol impulsiona o artesanato potiguar com foco na busca de melhoria integral do segmento e aquecimento do turismo mediante exposições de arte e cultura. O Espaço Cultural Marilene Dantas também recebe a Feira de Gastronomia e Arte de Mirassol, com o objetivo de dotar a cidade de feiras de gastronomia para comercialização de produtos alimentícios de qualidade.

Iluminação natalina chama a atenção -

As decorações e iluminação especial já viraram os queridinhos da população e, todas as noites, centenas de pessoas passam pelos equipamentos para tirar fotos e aproveitar os espaços. O mais tradicional símbolo das festividades do Natal em Natal, a Árvore de Mirassol deste ano possui 120 metros de altura, é uma das maiores e mais bonitas do Brasil.

O “Natal do Recomeço” está proporcionando uma grande movimentação na Praça da Árvore, que recebeu nova iluminação de LED. Além da estrutura em torno da Árvore de Mirassol com a casinha do Papai Noel e o túnel estático, a Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (Semsur) também instalou três árvores na Zona Norte: as Árvores do Panatis, Parque dos Coqueiros e do Ginásio Nêlio Dias. Instalou ainda mini-árvores de Natal na Via Costeira, bem como a decoração no Centro Histórico de Natal, Palácio Felipe Camarão e os três Reis Magos situados na Zona Norte e Zona Sul.

A Escadaria de Mãe Luiza (Areia Preta/Mãe Luiza) e o Espaço Cultural Jesiel Figueiredo (Lagoa Azul) receberam decoração natalina. A Av. Praia de Ponta Negra recebeu uma decoração e iluminação especial, com um túnel estático, letreiro “hohohoho”, e os bonecos temáticos de Papai Noel, duendes e outros itens natalinos. Também receberam iluminação natalina: Pórtico dos Três Reis Magos, Instituto Histórico, Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, Catedral Metropolitana, Igreja de Bom Jesus, do Galo e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

DECORAÇÃO NATALINA EM PONTA NEGRA

PREFEITURA DO NATAL



PROGRAMAÇÃO TEATRO RIACHUELO



14 de janeiro - Bruna Louise

Às 20h

Ingressos: entre R\$ 30,00 e R\$ 90,00

Bruna Louise é um dos principais destaques da comédia stand-up no Brasil. Suas piadas audaciosas com fortes doses de acidez a fizeram conquistar um grande número de seguidores nas redes sociais. Em seu novo show, Bruna Louise está muito mais do que desbocada. Ela mostra, com o seu segundo solo, a comediante sem papas na língua que fala as verdades não ditas do universo feminino.

16 de janeiro - The Wailers

Às 20h

Ingressos: entre R\$ 80,00 e R\$ 280,00

Um dos principais nomes do reggae, a lendária banda The Wailers – fundada por Bob Marley nos anos 60 – volta ao Brasil em janeiro de 2022 com a turnê One World. A banda é liderada por Aston Barrett Jr. One World, mais recente trabalho do The Wailers, é o primeiro álbum da banda em 25 anos e foi indicado ao Grammy® 2021 na categoria Melhor Álbum de Reggae.

27 de janeiro - Ana Cañas

Às 21h

Ingressos: entre R\$ 80,00 e R\$ 180,00

Ana Cañas passeia com sabedoria pela obra de Belchior em seu novo álbum, “Ana Cañas canta Belchior”. A cantora e compositora paulista achou sua própria linguagem para trazer de forma certa 14 faixas que prezam pela sutileza e ao mesmo tempo por interpretações densas e profundas. Misturar Ana e Belchior só podia resultar em algo intenso.

23 de janeiro - Tributo ao Rei do Pop

Às 19h

Ingressos: entre R\$ 70,00 e R\$ 180,00

O cantor, compositor e dançarino Rodrigo Teaser promete apresentações que trazem a experiência com bailarinos, shows de ilusionismo e banda ao vivo. O artista trará uma setlist com os sucessos Human Nature, Thriller, Beat It, Billie Jean, Smooth Criminal e Black Or White, além de performar suas músicas autorais mais recentes, como “Tão Bem”, “Pode Fingir” e “Não Pode Acabar”.

29 de janeiro - Bolofofos Live Show

Às 16h

Ingressos: entre R\$ 50,00 e R\$ 140,00

Com mais de 2 bilhões de views na internet, Bolofofos conquista fãs de todas as idades com uma fórmula simples. Músicas alto astral que não deixam ninguém de fora. A obra é pensada levando em conta a diversão da família inteira. Com ritmos da cultura Pop e humor inteligente, Bolofofos cantam de maneira bem-humorada situações e emoções do dia a dia.

Para mais informações, acesse:
www.teatroriachuelonatal.com.br





PROGRAMAÇÃO FILMES EM CARTAZ

Homem-Aranha: Sem Volta Para Casa

Pela primeira vez na história cinematográfica do Homem-Aranha, nosso herói amigo da vizinhança é desmascarado e não consegue mais separar sua vida normal dos grandes riscos de ser um super-herói. Quando ele pede ajuda ao Doutor Estranho, os riscos se tornam ainda mais perigosos, e o forçam a descobrir o que realmente significa ser o Homem-Aranha. Classificação indicativa 12 anos, contém violência.



Encanto

A história de uma família extraordinária, os Madrigals, que vivem escondidos nas montanhas da Colômbia, em uma casa mágica, em uma cidade vibrante, um lugar maravilhoso e encantador chamado Encanto. A magia do Encanto abençoou todas as crianças da família com um dom único, desde super força até o poder de curar. Todas as crianças, exceto uma, Mirabel. Quando ela descobre que a magia em torno de Encanto está em perigo, Mirabel percebe que ela, a única Madrigal comum, pode ser a última esperança de sua família excepcional. Classificação indicativa livre, contém violência.

Matrix: Resurrections

Matrix: Resurrections é o novo filme da franquia Matrix, continuando a saga de Neo (Keanu Reeves) em sua busca pela libertação das pessoas aprisionadas mentalmente pelas máquinas. Em um mundo de duas realidades - a vida cotidiana e o que está por trás dela - Thomas Anderson terá que escolher seguir o coelho branco mais uma vez. A escolha, embora seja uma ilusão, ainda é a única maneira de entrar ou sair da Matrix, que é mais forte, mais segura e mais perigosa do que nunca. Classificação indicativa 14 anos, contém violência, drogas lícitas e linguagem imprópria.

Clifford: O Gigante Cão Vermelho

Clifford era um pequeno filhotinho de cachorro vermelho que vivia em uma casa repleta de amor e cuidado. Porém, o amor de sua jovem dona, Emily Elizabeth, por ele é tão grande, que o cão cresce até atingir um tamanho gigantesco. Classificação indicativa livre, contém violência.

Para conferir os horários das sessões, acesse: :





REVIVA CULTURA

O GOVERNO DO RN REABRE AS PORTAS PARA A CULTURA

VALORIZAR NOSSA CULTURA É OLHAR PARA O FUTURO

Muito mais que a recuperação de espaços físicos, é um símbolo de resgate da história e de valorização da cultura potiguar.

Hoje algumas edificações estão prontas e outras se encontram em processo de conclusão.

Em breve, todas estarão de portas abertas para receber os norte-rio-grandenses em busca de um reencontro com a música, a literatura, o lazer e a sua autoestima.

Cada monumento é uma história, cada palco é um orgulho, cada espaço é um legado.

TAM
TEATRO
ALBERTO
MARANHÃO

EDTAM
Escola de Dança Teatro Alberto Maranhão

IPAPÓDROMO!
ESPAÇO CULTURAL JOÃO PAULO II

PINACOTECA

FORTE DOS
REIS MAGOS

BIBLIOTECA
CÂMARA
CASCUDO

rampa



BIBLIOTECA
CÂMARA
CASCUDO



FUNDAÇÃO
JOSÉ AUGUSTO



RIO GRANDE DO NORTE
GOVERNO DO ESTADO

